

Quilombos de palavras

Saraus levam a periferia para o centro da cultura

FAUSTO SALVADORI FILHO
fausto@camara.sp.gov.br

“Vai trabalhar, negrinha! Essa menina vive com o caderno na mão. Olha a vassoura, vai lá limpar. Você sonha muito alto. Desde quando negro vai ser escritor?” Era o que as patroas viviam dizendo para Tula Pilar Ferreira, que trabalhava como doméstica desde os oito anos. Quando as madames saíam, Pilar largava a vassoura e corria para as estantes dos patrões: lia todos os livros que encontrava e depois saía a cantar e a dançar pelos corredores da casa. “Eu cresci com essa arte oculta”, lembra.

A arte que Pilar trazia oculta desde pequena veio à luz em 2002, quando pela primeira vez colocou os pés numa novidade: um sarau de poesia que rolava ali na sua quebrada, em Taboão da Serra (Grande São Paulo), feito pelos próprios moradores da comunidade. Era o Cooperifa, criado um ano antes pelo poeta Sérgio Vaz – e que no ano seguinte mudaria para o Jardim São Luís, na zona sul

da capital, onde está até hoje. O encontro deu a chave para Pilar nascer como poeta. Passou a escrever e declamar seus poemas pelos saraus afora, e, de verso em verso, já publicou um livreto, *Palavras inacadêmicas*. “As palavras que cuspo estavam entranhadas dentro de mim”, conta Pilar, que se define como “mãe de três filhos, poetisa e 29 anos para sempre”.

Pilar não está nada oculta nesta noite de 5 de setembro de 2012, diante da plateia do Sarau da Ocupa, uma das dezenas de saraus da periferia que, após a iniciativa pioneira do Cooperifa, passaram a pipocar em todas as regiões da cidade. O microfone está aberto para quem quiser falar, como é de lei nos saraus. Na sua vez, Pilar declama, com a voz e com a dança do corpo, um poema sobre sua avó escravizada: “Tenho no sangue, na ancestralidade, gente que foi escrava de verdade. Minha avó, chicoteada aos doze anos de idade.



Sem-teto leem
poemas no
Sarau da Ocupa



Parlamento recebe sarau

Os saraus de periferia chegaram à Câmara Municipal de São Paulo entre os dias 10 e 17 de setembro, com o evento *De fora para dentro – uma ocupação poética da CMSP*, primeira mostra cultural organizada pela Escola do Parlamento. “A mostra reuniu literatura e audiovisuais que rastreiam e registram fragmentos da diáspora urbana recente, que o centro de São Paulo espreita, mas não encara”, afirmou o diretor da Escola Roberto Noritomi.

O evento, feito em parceria com a Frente de Luta por Moradia, recebeu a instalação de uma “casa sem-teto”, montada pela cenógrafa Nazaré Brasil, com exposições de fotos documentando a rotina dos movimentos de moradia. A mostra também apresentou quatro documentários sobre lutas populares e uma exposição de livros, revistas e panfletos da cultura periférica no saguão do Palácio Anchieta.

A mostra terminou com uma edição do Sarau da Ocupa, com a participação de poetas de outros saraus, e que desta vez foi realizado não no prédio ocupado da Avenida São João, mas no Auditório Externo Freitas Nobre. “Quem diria que o nosso sarau iria chegar um dia à Câmara?”, saudou a sem-teto Neci Maria de Oliveira, 68 anos. Como uma das moradoras da ocupação na São João, Neci conheceu a cultura periférica por meio do sarau realizado no prédio ocupado e logo virou uma figura constante em vários saraus da cidade, agora apelidada de Vó da Ocupa. “Aprendi muito e gosto muito da turma dos saraus, que fala a língua da gente”, enfatizou.

Para Dimitrios Sacute Valentim, secretário da Escola do Parlamento, a liberdade era uma das regras do evento. “Nosso objetivo é que os coletivos se aproximem da instituição sem se institucionalizar”, afirmou.

Casa Sem-Teto, criação da cenógrafa Nazaré Brasil





Ruivo Lopes:
**“Nós somos
 a periferia do
 centro”**

Apanhou por rebeldia, desobediência. Sinhá não teve piedade, somente maldade. Inconsciência. Então rufem os tambores e batam palmas. A africanidade está cravada em minha alma...”. O poema é saudado com aplausos, o único cachê dos poetas de saraus.

“As senzalas tomaram de assalto a literatura”

Atualmente, pelo menos 20 saraus ocorrem todo mês na periferia paulistana, organizados pela mesma gente que os patrões de Pilar achavam que nunca seria capaz de escrever.

Os dados aparecem na Agenda Cultural da Periferia, publicada pela ONG Ação Educativa, que também inclui eventos como o Sarau da Ocupa — que, mesmo ocorrendo na Avenida São João, em pleno centro de São Paulo, também é considerado um evento periférico por ocorrer num prédio ocupado por famílias sem-teto da Frente de Luta por Moradia, ameaçadas de despejo por conta de uma ação de reintegração de posse. “Nós somos a periferia do centro, porque estamos cercados de tudo e não temos nada”, afirma o educador popular Ruivo Lopes, 33 anos, responsável pelo sarau. Natural da parte pobre da Baixada Santista, Ruivo conheceu cedo a vida entre cortiços e despejos e, ao engajar-se na luta dos mo-

Quando mãe enterra filho, é guerra, e isso vai ser cobrado. Eu vou fazendo aqui para todos os meus aliados, porque você sabe que o gueto nunca vai ser negado. Gueto é igual Varsóvia na Europa. Você sabe que os caras quer vir aqui e escravizar nós de novo pra Copa, e tá errado. Corta a luz e água das favelas e taca fogo, para depois poder ganhar dinheiro de novo com os ingressos do jogo, e isso nós não vai deixar, vai cobrar a cada linha, porque você sabe que o bagulho é uma rinha, e só tem galo de briga aqui, não tem frango. Se for reintegração de posse, devolve as encruzilhadas para Exu e as matas para Oxóssi.

FREESTYLE (IMPROVISAZÃO POÉTICA) DE AUGUSTO OLIVEIRA, NO SARAU DO OCUPA, EM 5/9

vimentos de moradia, decidiu adotar a cultura como arma de luta. “Com os sarauas, as senzalas tomaram de assalto a literatura, que até então era feita na casa-grande”, analisa.

Sarau é tudo

“Os sarauas da periferia fazem uma total dessacralização do que se tinha como conceito de sarau poético, conceituado como uma reunião em casa particular, realizado noturnamente e pela elite, trazido pelos portugueses com a vinda da Família Real para o Brasil”, analisa a pesquisadora Aline Deyques Vieira, que analisou a literatura da periferia paulista em sua dissertação de mestrado *O Clarim dos Marginalizados - A Literatura Marginal/Periférica na Literatura Brasileira Contemporânea* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011). Quando resolveu estudar o universo literário periférico, Aline tinha a pretensão de “legitimar” a literatura produzida na periferia perante

os olhos sisudos da universidade, mas mudou de ideia quando conheceu os sarauas de perto. “Vi que eles não precisavam dessa legitimação, que eles são legitimados por eles mesmos”, conta. Ao contrário: as universidades é que perdem quando deixam de conhecer “uma literatura escrita por pessoas que, em muitos casos, nunca frequentaram ou frequentarão uma universidade, mas que não deixam de ter um grande valor na literatura contemporânea”.

“Se for reintegração de posse, devolve as encruzilhadas para Exu e as matas para Oxóssi”, declama Augusto Oliveira, 21 anos, assumindo o microfone da Ocupa para improvisar seu apoio à causa sem-teto. Morador de Cidade Tiradentes, na zona leste, Oliveira é um mestre do freestyle, a poesia improvisada na hora da fala.

No reduto dos sarauas, poeta é todo mundo que quiser falar, com verso próprio ou alheio. Tem poeta que improvi-



Câmara criou programa de incentivo

A periferia tem cultura, sim. Foi o que a Câmara Municipal de São Paulo percebeu quando decidiu criar o Programa para Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), por meio da lei nº 13.540, do vereador Nabil Bonduki (PT), em 2003.

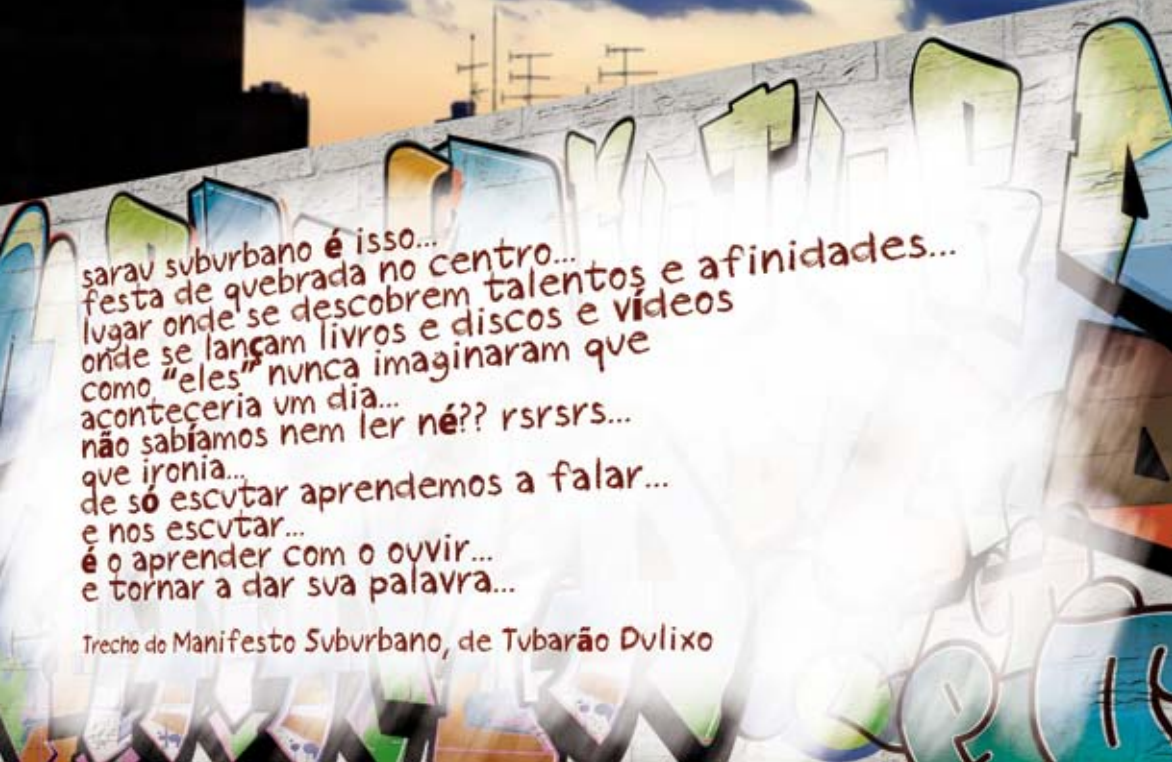
A lei surgiu a partir de uma série de debates feitos pela Comissão Extraordinária de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude. “A comissão notou que existiam muitas ações culturais não institucionalizadas na periferia, que não eram feitas por ONGs, nem empresas, mas por grupos de jovens”, explica Gil Marçal, atual coordenador do VAI. Assim, o programa surgiu não para “levar cultura” à periferia, mas para incentivar iniciativas culturais que já existiam ali. “A partir desta demanda, o VAI foi pensado para oferecer um pequeno apoio para melhorar o acabamento das ações e ensinar os jovens a gerir recursos”, diz.

Até o momento, o programa financiou 14 saraus, com recursos que foram usados para compra de

equipamentos, publicação de livros e revistas e realização de ações, como visitas a escolas: Sarau da Brasa (Brasilândia), Elo da Corrente (Pirituba), Ocupa (República), Perifatividade (Vila das Mercês), Arte Maloqueira (Guaianazes), Cortejos de Leitura (Parelheiros), Sarau da Ademar (Cidade Ademar), Encontro de Caracóis (Cangaíba), Praçarau (Capão Redondo), Humildade, Paixão e Poesia (Sapopemba), Sarau do Oteló (Campos Elíseos), TerSarau (Heliópolis), Mesquiteiros e Tenda Literária (ambos de Ermelino Matarazzo). O VAI também financiou o projeto Bicicloteca, do Sarau do Binho, e uma revista lançada pela Cooperifa.

Segundo Marçal, os saraus são importantes porque funcionam como espaço de articulação de projetos culturais. “Os saraus são expoentes da cultura periférica porque fazem o encontro do hip hop com a cultura popular. Tem a organização em círculo, em que o protagonista é coletivo, tanto a dona Maria como o rapaz da limpeza podem subir ao palco para compartilhar o que produzem.”

**Edição do
Sarau da Ocupa
no auditório
externo da
CMSP**



sa, como Augusto, e tem poeta que fala de cor, ou que declama com os olhos numa página de livro, numa folha xerocada ou no celular. Pelo microfone, passam um poema de Manoel de Barros, depois uma denúncia contra o massacre dos povos indígenas, em seguida uma canção de banquinho e violão, depois um protesto contra a política habitacional do governo, e tudo se mistura e tudo vale porque, em sarau, tudo é poesia. A força dos saraus está na palavra, na forma de rima crua declamada, de prosa ou de poesia cantada. Porque nos saraus também se canta, e se canta rap, e se canta samba, e se canta maracatu, e se dança ciranda. “O sarau engloba tudo”, afirma o poeta Binho, outro pionei-

ro, na ativa desde 2004 (veja quadro na pág. 72).

Todo mundo é capaz de poesia

Alternando-se entre a plateia e o microfone, o Ocupa desta noite está cheio de poetas de saraus de diferentes cantos da cidade. Aqui tem mano do Sarau da Brasa (Vila Brasilândia), Mesquiteiros (Ermelino Matarazzo), Sarau Ademar (Cidade Ademar), O que Dizem os Umbigos (Itaim Paulista), Elo da Corrente (Pirituba), Pávio da Cultura (Suzano), Suburbano (Bela Vista), e mais, e outros. É uma troca comum nos eventos das que-

bradas, já que a organização em redes é uma das bases da cultura periférica. Mesmo que tenha seus autores, a literatura não é vista como uma criação de alguns eleitos das musas, mas um atributo de todos, porque todo mundo é capaz de poesia.

“Poesia é uma coisa coletiva. O que escrevo não estou criando, estou dando o meu recorte. A poesia meio que já está escrita, o poeta só pega e modela”, define Victor Rodrigues, 22 anos, escritor da Cidade A.E. Carvalho, na zona leste, que acaba de lançar seu primeiro livro, *Praga de Poeta*. “O livro nasceu de uma conversa de amigos. Um fez ilustração, outro o projeto gráfico, um outro indicou o lugar para imprimir.”

Os mil exemplares da edição independente ele bancou com o dinheiro que juntou em dois anos, guardando, mês a mês, metade do salário que recebia como caixa de banco. É uma maneira de meter as caras, dando um jeito de fazer com o que se tem à mão e juntando as pessoas em volta, que é o modo de fazer cultura na quebrada. “É bem a cultura do quilombo, que era ‘vamos fugir e criar a nossa própria sociedade’. Se o que o governo faz não está bom, vamos fazer a gente e mostrar como é”, explica Rodrigues.

Raízes periféricas

A literatura periférica, também chamada de marginal, entra em cena a partir do ano



2000, com a publicação do romance *Capão Pecado*, de Ferréz, e da coletânea *Literatura Marginal* que ele organizou para a revista *Caros Amigos*.

Não que antes não houvesse uma literatura feita nas margens da sociedade. “A literatura periférica sempre existiu”, afirma a professora Heloisa Buarque de Holanda, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), referindo-se a autores como a mineira Carolina Maria de Jesus (1914-1977) ou os tantos escritores que morreram sem serem publicados ou percebidos. “Este momento é especial porque os escritores se articularam e ganharam visibilidade”, afirma Heloisa. Ao contrário, por exemplo, da literatura de cordel, “politicamente conservadora e herdeira de tradições longínquas e medievais”, a literatura periférica é “moderna, antiestablishment, transformadora e tem metas literárias e políticas bastante definidas”. Parte desta nova cena literária,

Neci, a Vó da Ocupa: “Saraus falam a língua da gente”

“Sarau é cidadania”

Na hora da cerveja / Eu pinga / Na hora de Guantanamo / Eu Cuba libre / Na hora de guerrear / Eu Dalai Lama, proclamam os versos do poeta Robson Padial, o Binho. Ele é autor de dois livros – *Postesia* e *Donde Miras – Dois Poetas e um Caminho* (com Serginho Poeta) –, mas sua obra mais famosa é o sarau que criou há oito anos em seu bar na zona sul de São Paulo. O bar foi fechado em maio pela Subprefeitura de Campo Limpo, por falta de licença de funcionamento. Na hora de desistir, Binho continuou: por meio de uma ação de financiamento coletivo na internet, levantou dinheiro para pagar os R\$ 9 mil em multas do bar e continuar com o sarau, agora em versão itinerante.

Como surgiu o sarau do Binho?

Binho: A gente tinha a Noite da Vela no bar. Ficava à luz de vela e botava uns bolachões para tocar. Entre um vinil e outro, alguém pedia para recitar um poema. A poesia entrou aos poucos no espaço. Numa dessas noites, eu falei: a gente podia colocar poesia em poste. Era época de eleição, e a gente retirava as placas dos políticos dos postes, pintava e devolvia com poesia. A partir do *Postesia*, fomos conhecendo outros poetas. Antigamente a gente só conhecia os poetas mortos. Aí conhecemos os poetas vivos, que estavam por aí, perambulando.

Como você define um sarau?

Binho: Sarau são encontros humanos. O sarau engloba tudo. É um exercício de cidadania e tolerância. Pega as pessoas das mais diferentes divisões sociais: um que gosta de samba, outro de rock, outro de rap, e no sarau um ouve o que o outro tem

a dizer. A gente vai desconstruindo os preconceitos. Isso é uma coisa bacana do sarau: estar atento para ouvir o outro. O sarau consegue congrega cultura popular, maracatu, um que quer passar um vídeo, outro que quer contar uma piada, um outro que só quer se colocar ali na frente. É um se colocar no mundo: eu faço parte, eu tenho valor. É uma nova escola. Um novo jeito de estudar, de buscar e absorver a informação que está sendo falada.

Por que o seu bar foi fechado?

Binho: Eles alegaram que era por falta de alvará de funcionamento. Não tem sentido. Um bar que faz poesia tinha que ser um patrimônio público. Tinha que ser tombado, não fechado. A gente não compactuou com a política daqui, não quis pendurar a faixa do político. Ninguém do comércio daqui tem alvará. A gente não se sujeitou a algumas coisas e pagou por isso.

Onde o sarau acontece hoje?

Binho: O sarau é itinerante. Estamos indo a outros lugares, somando com outros espaços que têm iniciativas culturais. Antes acontecia uma vez por semana, agora é uma vez por mês. É uma perda grande pra cidade de São Paulo. O sarau para existir não precisa de um espaço, mas você perde uma referência importante sem ele. Perde a memória, a relação com a comunidade. Agora ficou mais difícil. Temos que ficar divulgando, avisando as pessoas quando vai acontecer. Mas a gente vai continuar fazendo do mesmo jeito.

Muita gente apoiou vocês?

Binho: Muita gente. Tivemos apoio de fora do Brasil. Gente da Argentina, México, Inglaterra. O povo legitimou nossa luta, até financeiramente, contribuindo para pagar as multas do bar. Quem devia dar o alvará para o funcionamento era o povo, e ele deu. O poder perdeu.

Por que a periferia precisa dos saraus?

Binho: A imagem da periferia chega distorcida. Até para quem vive aqui, parece que é o que está na tevê. Se a gente não perceber, vai reproduzir o que o Datena diz que é a periferia. E a periferia é muito maior do que a tevê mostra. O sarau também serve para abrir os nossos olhos para essa consciência mais crítica da nossa realidade.

Poeta é "infrator"

A Secretaria de Coordenação das Subprefeituras defendeu o fechamento do bar de Binho e disse que o poeta é um "infrator" que mantinha um bar "em uma área de zoneamento que não permite a realização deste tipo de atividade". "Ressaltamos que não se trata de nenhum ato arbitrário, mas sim o cumprimento às obrigações destinadas à administração municipal", afirmou, em nota.

Tem pessoas que vão aos saraus e começam a escrever?

Binho: Muita gente está ali para tomar uma cerveja e se descobre poeta. Todo mundo tem dentro de si esse germe da criatividade. Todo ser humano é criativo. Ficam reduzindo a gente em gavetinhas e vamos ficando pequenos, mas a gente é muito grande. O sarau consegue desabrochar essas flores que estão por aí.

SUBURBANO CONVICTO



Guilherme Caribé/Letter/CMSP

os saraus são “uma oportunidade única de agregar uma comunidade em torno do estímulo à criação e à literatura, que é uma expressão vista como de elite por essas mesmas comunidades, e se apropriar dela”.

Literatura moderna, antiestablishment, transformadora

Os saraus e a literatura produzida em volta deles são expressões da cultura periférica, que nasce como movimento nos anos 80, com o hip hop. “O hip hop era um movimento de con-

testação que reivindicava novos espaços. Frente a uma situação em que os espaços eram negados, ele aprendeu a criar suas próprias formas coletivamente”, explica Mateus Subverso, criador da Edições Toró, que desde 2005 publicou 17 livros de autores da periferia.

“Meu aprendizado para editar livros foi autodidata. É algo que o hip hop me colocou: a busca do conhecimento por conta própria”, afirmou Mateus durante o seminário *Estéticas da Periferia*, realizado em agosto. “Qualquer movimento da cultura de quebrada pensa os seus processos de maneira não-hierárquica, horizontal e partilhada, porque vai ao encontro do que a gente quer para a sociedade”, afirma. Segundo Mateus, a cul-

**Tubarão DuLixo
e Alessandro
Buzo comandam
o Sarau
Suburbano**

tura hip hop – baseada nos DJs e MCs do rap (que usavam os remixes de outros autores como base para expressar sua própria voz), na arte do grafite e na dança do break (que ocupavam as ruas e os muros como seus espaços) – fazia-se acontecer por meio de redes sociais, mas as do mundo real, anteriores a Orkut e Facebook. Quando veio a internet, as redes pré-digitais só precisaram se apoderar da web para ampliar o que faziam.

“Que falta de opção dessa molecada, vou fazer um evento”

“A internet foi importantíssima para a cultura da periferia”, afirma o escritor Alessandro Buzzo, 40 anos. “Você fazia um evento e ficava torcendo para que a mídia fosse cobrir, e às vezes o evento acontecia por cinco anos e a mídia nunca aparecia. Agora, o cara cria um blog, ou qualquer barato na internet, e faz ele mesmo a mídia dele.” Buzzo sabe o que fala: autor de dez livros, é um agitador cultural que organiza o evento *Favela Toma Conta* no Itaim Paulista, zona leste, e, na tevê, apresenta o programa *Manos e Minas* (Cultura), além de um quadro sobre cultura da periferia no *SPTV* (Globo). Toda terça-feira, pilota o sarau Suburbano,

na livraria que mantém na Bela Vista, a Suburbano Convicto, “única do Brasil especializada em literatura periférica”.

A trajetória de Buzzo começou em 1999, quando se cansou do aperto e dos atrasos do trem que o levava do Itaim para o centro e resolveu escrever um texto, *Ferrovia Nua e Crua*. Tirou 50 cópias xérox, mandou uma para a ouvidoria da companhia de trens e o resto distribuiu entre os passageiros. A ouvidoria não lhe deu resposta, mas os passageiros identificaram-se com o texto (“finalmente alguém falou a nossa versão”) e sugeriram que ele escrevesse um livro sobre o tema. Assim, sem querer, só falando do que via e sentia à sua volta, Buzzo produziu o primeiro livro, *O Trem – Baseado em Fatos Reais*, e se descobriu escritor. A vida de agitador cultural, com o *Favela Toma Conta* e, mais tarde, com os saraus, Buzzo começou depois de uma cena que viu na rua de casa. “À meia-

Leitura de
poema no Sarau
Suburbano:
microfone
aberto



noite, tinha vinte moleques jogando basquete num poste com um aro de bicicleta. Pensei: que falta de opção dessa molecada, vou fazer um evento.”

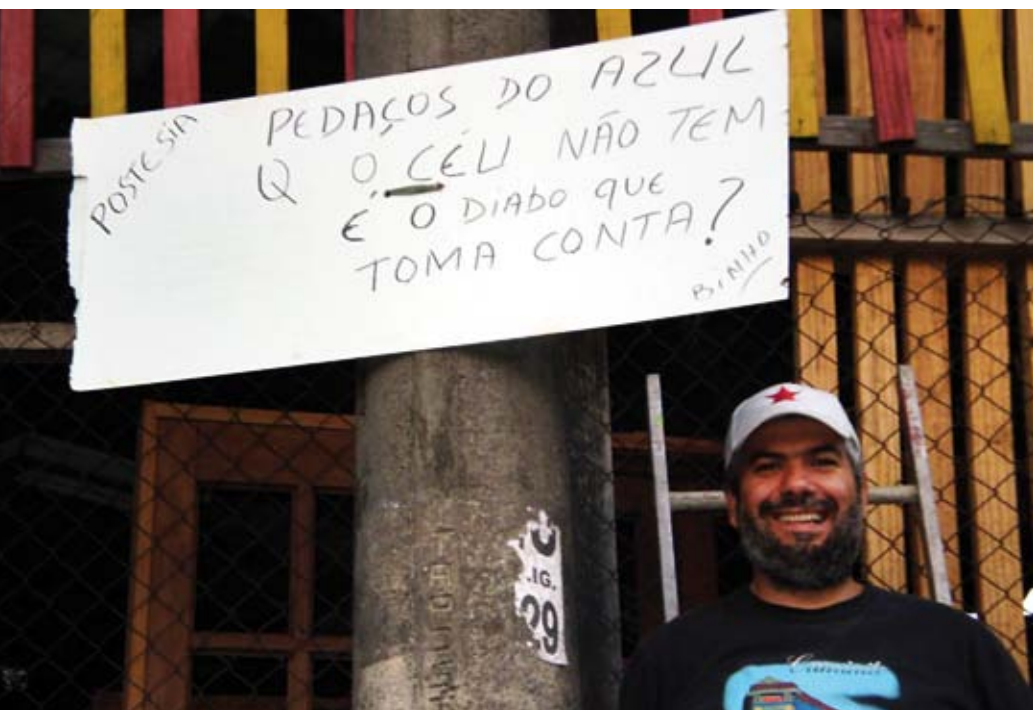
De Rosa Maria a Paris

Tudo isso é muito, mas é só o começo. “O movimento dos saraus ainda é muito incipiente”, diz o poeta Binho. Mesmo estando em seus primeiros versos, contudo, o movimento já pode comemorar o sucesso de algumas vozes que descobriram a poesia com os saraus. Vozes como a de Fabio Boca, 26 anos. Morador do Jardim Rosa Maria, na zona oeste, Fabio começou a rimar cedo (montou seu

primeiro grupo de rap aos 16 anos), mas só descobriu a força da palavra no poema quando começou a frequentar o sarau da Cooperifa, que ele chama de “minha faculdade”. “Comecei a dar mais importância à lírica, para o que você está falando e para quem está escrevendo”, conta o poeta.

A descoberta da poesia levou Boca a participar dos *slams*, competições em que os autores se enfrentam sendo julgados por um júri selecionado pelo público. Em 2012, Boca foi escolhido para representar o Brasil num campeonato de *slam* em Paris. “É muito louco poder conhecer outro país através da sua poesia. Eu via a Torre Eiffel na minha frente e pensava

Binho em uma das ações do Postesia



Arquivo pessoal

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

SÉRGIO VAZ, MANIFESTO DA ANTROPOFAGIA PERIFÉRICA (TRECHO)

que duas semanas atrás estava tomando uma cerveja no Seu Oliveira...”, conta Boca, sem esquecer como chegou lá. “Esse momento de hoje vem dessa terra que outros cultivaram lá atrás e do suor que eles derramaram para que nascesse um fruto como eu.”

A história do jovem que os saraus levaram a Paris é uma das que fazem lembrar que, seja com a música, as artes plásticas

ou a literatura, já faz tempo que a periferia deixou de ser periferia quando o assunto é cultura. “O que tem de destaque sendo feito na cultura urbana vem da periferia. Hoje, é o centro da cultura”, afirma Ruivo Lopes, lembrando que ainda falta o mais importante. “A periferia precisa também se tornar o centro das políticas públicas, na educação, na saúde, na moradia, no transporte.” ■

SAIBA MAIS

Site

Agenda da Periferia: www.agendadaperiferia.org.br

Livros

CooPerifa – Antropofagia Periférica. Sérgio Vaz. Aeroplano, 2008.

Vozes Marginais na Literatura. Érica Peçanha do Nascimento. Aeroplano, 2009.

Filme

Curta Saraus. David Alves da Silva. 2010. Disponível em www.youtube.com